

NESTE NÚMERO:



UMA GRANDE
REPORTAGEM DE
JOÃO FALCATO

3

**MULHERES
3 EXPRESSÕES
DE BELEZA
SOB A CARÍCIA
DO SOL**



VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA
MAGAZINE DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 271
1 DE AGOSTO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

O TEATRO, O CINEMA E O FADO M O R A M NO MESMO PRÉDIO!

UM HOMEM DE MANIAS

POR MANUEL MARTINHO

INVARIAVELMENTE, o homem endoidece por duas razões: ou pela mulher ou pela sífilis.

Nas más recentes estatísticas apurou-se que uma militta percentagem da loucura é proveniente do alcoolismo e de taras hereditárias. O homem endoidece por uma mulher parece, à primeira vista, ser quase impossível. Se é certo ter o romantismo, no seu processo literário legado à história, inventado as paixões funestas para remate belo de tantas odisséias amorosas, a verdade é que, nos tempos presentes, o coração deixou de ser um órgão guiado pelos fogachos do sentimento para viver unicamente do egoísmo, do interesse, enfim, de pulsações que pensam em dinheiro...

Hoje, o Amor quase que pertence à contabilidade. Tem câmbio — e é alto. É uma questão de cálculo entre recíproca e equivalentes materiais que desejam formar uma liga diante do altar. Tudo isto, afinal, é a marca do progresso. A mulher poderá, quando muito, fazer dores de cabeça a um pobre mortal. Para isso existe o «Veramon», a aspirina, as toaihas turcas, frias, na testa escaldante. Agora endoidecer parece «blasfema».

FOI por acaso, decerto. Mas a verdade é que o Fado, o Cinema e o Teatro moram no mesmo prédio — o número sete da Rua Sociedade Farmacéutica.

No rés-do-chão mora o Fado. É frequente ouvirem-no a cantar e a sua triste melodia, pensa que se confessam mas não ficam por ali, com mãos doentes, filhos ingratos e amantes infieis...

No primeiro andar, por cima, mora o Cinema. Levantase cedo — às vezes à hora e que o Fado regressa dos retiros, e vai filmar, para os estádios do Lumiar...

E no segundo andar reside o Teatro — um teatro moderno, dinâmico e vibrante!

E tudo por acaso, decerto... Mas a verdade é que, no segundo andar, também reside o mais simpaticíssimo e brilhante actriz Irene Isidro, no primeiro a artista de Cinema e realizadora do filme «Três dias sem Deus», Bárbara Virginia, e no rés-do-chão a «vedeta» do Fado, Maria Carmem!

E tudo por acaso! As vezes, enquanto no rés-do-chão Maria Carmem cantava um fado, no primeiro andar Bárbara Virginia ensaiava, ao espelho, uma attitude, e Irene Isidro estudava, no segundo andar, o seu papel na nova peça.

Mas calculam lá os inconvenientes que tal situação tem!

Um dia, apareceu à porta do prédio um rapaz transportando uma lindíssima corbeille de cravos vermelhos.

«E, como tivesse perdido o cartão que acompanhava os flores, perguntou: — Em que andar mora uma senhora que é actriz?»

— Em todos! — responderam-lhe. Se não for no rés-do-chão é no primeiro, e se não for no primeiro é no segundo!

E o rapaz retirou-se, embarracado!

Pois é verdade, amigos! O Teatro, o Cinema e o Fado moram no mesmo prédio. Onde se dêem sempre bem e nunca se zanguem, já que tantas vezes, tal como a vizinha que pece em um ramo de salsa, tem precisado uns dos outros...

Todavia, senhores, ainda se morre de Amor. Como, não se sabe. Perdido sabe-se — mas é impossível contar.

Este meu amigo, o Elias, endoideceu há três meses. Teve o primeiro ataque, a uma quinta-feira, quando saía, contente, do «Portugal», depois de ter bebido o cafézinho. Atravessou o Rossio ruidoso àquela hora — cinco da tarde, com as portas das repartições encanaradas para a saída dos funcionários — e de braços no ar, a gesticular, gritou como um possesso: — Descobri! Descobri! Abaixou a electricidade!

Claro que se juntou logo gente. Fizeram roda. Elias, sem chapéu, o cabelo em desalinho, a boca contraída num rictus de amargura, os olhos injectados de sangue, atrainha com os braços como se fossem remos no espaço.

Velo a policia, apressada, ver o motivo.

O trânsito esteve interrompido. Chegou, parece, a haver alarme nos bombeiros. Duas mulheritas do povo queriam, à viva força, ver o desastre. Do outro lado do Rossio já se dizia que fora uma cena de navalhadas — um galego, moço de esquina, viu mesmo tombiar um homem, alagado em sangue.

Afinal, Elias, aos encontros, fôra empurrado, respeitadamente, para a esquadra.

No meio da policia, com o magote do povoelo à libraga, continuava a gritar: — Abaixou a electricidade! Abaixou!

Os guardas civicos, rudes, nada entendiam.

Todavia, viram naquele enérgico abaxo uma metáfora de inatino revolucionário.

O «baxo a electricidade!» poderia querer dizer muitas coisas. Quem sabe lá se ele não quereria mesmo proteger contra qualquer tirania ou ensovavar o nome contrado de quem cidadão. A verdade é que o homem fizera escândalo na via pública.

E se, quem cospe, paga 15800, quem grita deve, pelo menos, pagar mil. Quanto chego ao cabalouço, iam, pelo menos, duas mil pessoas atrás, sem saber explicar porque.

O ajuntamento crescia. Uns curiosos, queriam ouvir o comecio. Tive que aparecer, do Governo Civil, uma camioneta de policia para, ordenadamente, com o cassetete, tudo debandar. Nos atropelos caíram crianças, um homem rasgou as calças e uma velhota, distraida, ficou sem a maleta.

Elias, na esquadra, à primeira percutia, gritou logo: «Abaixou a electricidade! Abaixou a electricidade!»

Não foi preciso gritar más para, entre os superiores, se diagnosticar a doença que estava doido!

Na realidade, estava. Mas a esquadra nada tinha que ver com isso. Se «tivesse embriagado ou se tivesse estado uma navalha na barriga dum transeunte, iria para o cabalouço — assim, não.

Se estava doido — lá para a rua. Depois que arranjasse maneira de entrar no manicócio, Elias saiu. Mas, passados poucos dias, voltou a repetir a cena, desta vez, porém, com Illustrações.

Foi em casa. Atirou com tudo à rua — desde a papelada ao tacho de ferver a acorda. Agredia a familia, partiu loiça, o rato, e, enfiado no ecote de forpax, foi levado, exausto, para o manicócio.

Fui vê-lo, ontem, à pequena cela onde está encarcerado. Tem a face chupada, muito magra, esverdeada; os olhos sem brilho, morticos, morrem nas olheiras rosas; rise-se de tudo, um riso parvo, onde os dentes amarela-

(Continua na página 16)



TEATRO



CINEMA



FADO

1) Neste prédio habitam o Teatro, o Cinema e o Fado. À porta estão três carros. Será que costumam andar de automóvel? 2) No rés-do-chão, o Fado faz o almoço... 3) No primeiro andar, o Cinema estuda... 4) O Teatro pousa para o nosso fotógrafo.

(Fotos Armando Seródio)



UM ASPECTO DO SOLAR

E não admira. Trata-se duma residência particular e só a poucos amigos e conhecidos do dono da casa é dado o raro prazer de o admirar. Referimo-nos ao palácio onde reside, desde séculos, a família Barahona, representada hoje pelo actual Conde da Esperança, D. José Manuel Barahona Fragozo.

O solar de Cuba e o seu museu são, de facto, maravilhosos e trabalhadora região ser vistas por quantos atravessam a produtiva e alentejana.

A biblioteca, a «Casa da Saudades», a capela, onde imagens artísticas e paramentos vários prendem a atenção dos entendidos, todas as dependências do famoso palácio têm que ver, e entretêm horas a quem de coisas de arte tenha interesse e carinho.

E os aficionados, os que vêm numa tourada um espectáculo de arte e de nobreza, não deixarão de parar perante o cavalo embalsamado — o nobre animal que foi cavalo de combate do actual conde, nas corridas de beneficência, à antiga portuguesa, com a assistência da família real.

O cavalo ostenta luxuosos arreios, selim bordado a prata com vistosas pedras onde figuram alguns arreios, e caba, parece que ainda raiosos para uma negra cabeça de touro, também embalsamado.

All, no Museu Taurométrico, poderão admirar as várias qualidades de arreios, alguns em ouro e prata. Rojões do século XVIII, selas de todas as categorias, etc.

E na Sala de Armas e Espadas de toureiro, exhibe-se um retrato, a óito em tamanho natural, do fidalgo que hoje representa a nobre família dos Barahonas e Fragozos.

A «Casa da Saudades» recebe as fotografias dos tios do conde, todos também valentes cavaleiros e toureiros, e as imagens de dois anjos — e duas velas que luminam, durante a noite, aquele museu de arte — e de saudade.

Os jardins e quinta completam o maravilhoso palácio. São franqueados, mantendo a secular tradição da família, aos habitantes da vila e arredores, no dia da Ascensão. E comparecem todos, com a banda, que executa, numa saudação, o Hino de Cuba, da autoria do Conde da Esperança, escutado pela multidão em respeitoso silêncio.

A moçoada halla, os velhos recordam horas felizes e os fidalgos e conde e sua mãe, senhora Dona Maria José Brancamp de Matos de Barahona Fragozo, recebem-nos com requintes de natural bondade e nobreza.

Depois do dia da Ascensão, dia alegre para Cuba, o velho solar regressa à sua vida calma. E o seu museu continua a ser só visto por raros, privilegiados amigos do actual conde, que é, também, musicólogo distinto. E é pena que não possam vê-lo quantos atravessam a região alentejana. E que o palácio dos Barahonas é um museu que merece ser visto e admirado!

EM CUBA

HÁ UM FORMOSO
MUSEU QUE
POUCOS
CONHECEM!



- 1 UMA DAS SALAS
- 2 OUTRO ASPECTO
- 3 UMA VISTA DA BIBLIOTECA





UM PERFUME MODERNO

APA



JEEP

UNIVERSAL

«Jeep Universal» tem aspecto semelhante ao «jeep» militar, e constitui a sua versão para uso civil.

Estudado e desenhado pela «Willys-Overland», já se construíram mais de 500.000 unidades do «Jeep Universal», que beneficia agora da experiência de milhões de quilómetros percorridos na mais dura de todas as provas — a guerra.

Foram conservadas as características essenciais do «jeep» militar — transmissão facultativa às quatro rodas, caixa de redução, etc., mas o «Jeep Universal» possui ainda muitas outras que o tornam apto a desempenhar os mais variados serviços para a Indústria e Agricultura, para os quais o modelo militar não estava, evidentemente, preparado.

Há, ainda, numerosas possibilidades e qualidades a notar, assim como diversos e notáveis melhoramentos mecânicos sobre o «jeep» de guerra, e para a adopção ao uso civil e à lavoura tem, especialmente, regulador centrífugo actuando sobre o motor e tornando a velocidade deste constante independentemente da carga, quando accionando o tambor.

Cabrestante accionado pelo motor, podendo exercer um esforço de tracção de 2.250 quilos.

Tomada de força para accionar, por acoplamento directo, diversas máquinas, tais como: compressor para ferramentas pneumáticas, gerador eléctrico para soldadura, etc.

* * *

O «Jeep Universal» é um veículo insuperável e mundialmente famoso, que executará, na paz, uma infinidade de trabalhos. Está preparado para satisfazer as necessidades dos agricultores, as indústrias, os comerciantes e os particulares.

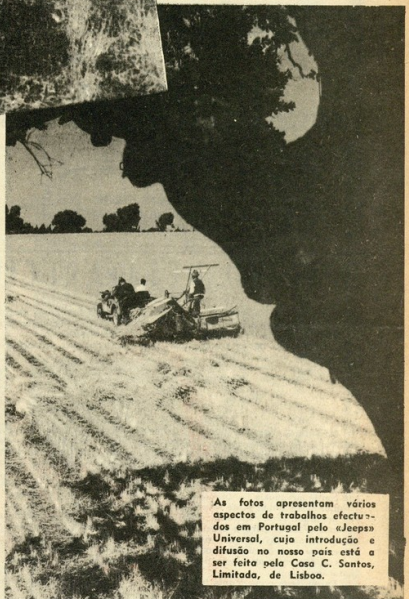
O seu uso, na paz, é universal, e pode executar trabalhos equivalentes a quatro máquinas modernas.

É um tractor e, também, um camion ligeiro, de boa categoria, assim como serve de veículo para uso geral. É uma unidade de força motriz que pode impulsionar uma grande variedade de dispositivos. Um só trabalhador pode manejar um «Jeep Universal» como se manejasse um automóvel. É um veículo que vale quatro — e só se tem que conservar um veículo, que encher um depósito de gasolina, que possuir um só jogo de pneumáticos. E, assim, mal se adquire um «jeep» começam as economias.

O «Jeep Universal» trabalha tão bem na terra suave como na endurecida. Arrasta dois arados de 31 centímetros, e deslizará em estrada, completamente carregado, a 75 ou 80 quilómetros à hora.

Nesta página descreve-se, graficamente, como pode um agricultor aproveitar o «Jeep Universal» nas suas propriedades. E as fotos mostram o «jeep» executando vários trabalhos agrícolas.

O «jeep» produz força motriz onde dela se necessite



As fotos apresentam vários aspectos de trabalhos efectuados em Portugal pelo «Jeep» Universal, cujo introdução e difusão no nosso país está a ser feita pela Coso C. Santos, Limitada, de Lisboa.





e
„CARMIM„
 CREME

**DENTÍFRICO IMPRESCINDÍVEL
 A MULHER MODERNA**

Genivas vermelhas dentes brancos e brilhantes, hálito perfumado, eis o que conseguirá usando o paste Carmim-creme Torero. Complete assim a sua maquiagem

**DENTÍFRICO CARMIM-CREME
 TORERO**

FABRICADO COM PRODUTOS PURÍSSIMOS
 COMPLEMENTO IMPRESCINDÍVEL DA "MAQUILLAGE"
 HIGIENE ABSOLUTA DA BÓCA

O FILHO DESAPARECIDO

(Continuação da página 17)

cadáver, mas teve repugnância da palavra)... o corpo dum rapaz desconhecido. Que tivesse, ela, paciência e coragem, pois era preciso que o acompanhasse ao Instituto de Medicina Legal, a fim de examinar esse corpo.

— Certamente não se trata do seu filho — repetiu, para sossegar-lhe — mas é acomealhável a formalidade.

— E a roupa? — perguntou ela, com os lábios trémulos.

— Não há roupa. Foi encontrado nu.

* * *

Do Toral ao Instituto de Medicina Legal, eram dois passos. Estava um calor sufocante. As pessoas, na rua, de bocas descaídas, passavam caídas e oprimas.

E, ela, ia também calada, ombro a ombro com o agente, e tão dentro de si, tão completamente perdida no labirinto pânico dos seus pensamentos, que nada ouvira do que porventura lhe dissessem.

«Não morras tu afogado», recordou-se. Oh! que remorso e que medo louco de continuar aquele torturante e aflitivo passeio. Chegava a pensar que seria melhor ficar assim, neste estado de expectativa e de dúvida, com alternativas de desânimo e de esperança consoladora, a caminhar, desastrosamente, para quê? — talvez para a cruel revelação duma maldita e definitiva verdade. E, então, não haveria mais, no seu espírito, fantasia capaz de entretecer uma esperança e de embalsamá-la com ela. Seria «aquilo» e só «aquilo» — a morte quieta, fria, a azedar, com o seu hábito estagnado, todos os anseios do seu coração.

Parou. Quis recuar, quis fugir, mas o agente segurou-a pelos ombros, com suave firmeza, e ela deixou-se levar.

Estavam, já à porta do Instituto. Era ali, pensou ela, que abriam as pessoas — e tudo aquilo lhe pareceu desumano, lúgubre e hostil. Hostil, sobretudo. Era ali que teriam aberto aquele rapaz, encontrado morto, numa praça qualquer — e que talvez fosse o seu filho!

Com este pensamento, sentiu uma dor horrível nas próprias entranhas e um desejo insensato de vingá-lo, de bater, com ódio e com angústia, em todos os empregados que a encontrando e que ela olhava com o tórvo fulgor das pupilas incendadas.

— Acalme-se, tenha coragem!...

Estavam agora, perante o corpo, todo coberto com um fúnebre lençol. Tinha chegado o instante supremo, e ela sentia-se desfalecer, quase a tombar num desmaio, sem ânimo para viver aqueles segundos. O coração, no seu peito, era como um martelo degvaldrado. Faltava-lhe o ar. Tinha a boca aberta, sôfrega, e os olhos, desorbitados, seguiam, com fascinada atenção, as mãos do empregado — que já estava segurando o pano, como duas grandes borboletas de mau agouro, e desdobriam o cadáver.

E, então, da pobre garganta seca, rompeu-lhe um grito trágico — num jôro súbito, rouco, estertoroso...

...Era ele. Era o seu filho!

A MUNDIAL
 SEGUROS

RÁPIDO APONTAMENTO SOBRE UM GRANDE ARTISTA

CARLO Achatz veio da Holanda, onde é considerado o primeiro flautista do mundo. Tivemos o prazer de o ouvir no último concerto realizado na Estufa Fria. De facto, possui as mais belas qualidades musicais que pode ambicionar um instrumentista.

Carlo Achatz nasceu em Estocolmo, onde vive. É o solista da «Opera Royal Stokolms». Fez os seus estudos em Viena, Estocolmo e Paris. Realizou inúmeros concertos com Orquestra Sinfónica e Orquestra de Câmara em várias cidades da Europa. Segue para Espanha e tenciona visitar as principais cidades do norte de África. Este grande artista pediu-me para transmitir, aqui, a sua sincera admiração pelo nosso maestro Pedro de Freitas



Branco; não esquecerá nunca a sua impecável direcção e extrema gentileza, assim como deseja os melhores triunfos à excelente Orquestra Sinfónica Nacional.

RAMIRO DA FONSECA



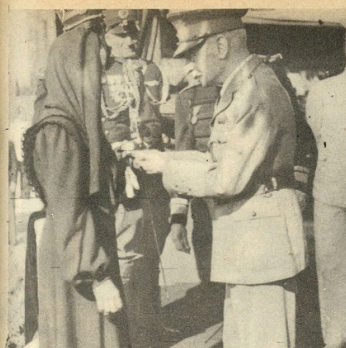
No dia da «Festa do Cavalaria», o sr. Presidente da República concede o sr. general comandante da G.N.R.



Um aspecto do Congresso de Cirurgia de Urgência, no momento em que falava um dos congressistas franceses



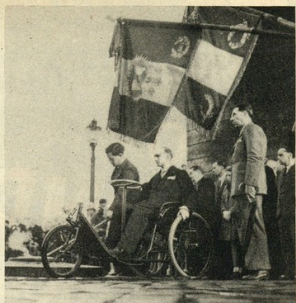
A condecoração, em Runa, da bandeira dos Inválidos Militares



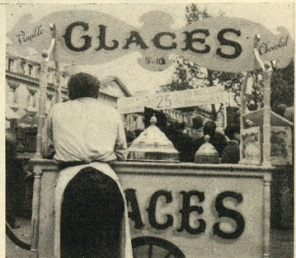
Condecoração da mulher dum sargento do G.N.R. que morreu em defesa da ordem



Realizou-se, há dias, na igreja de S. Sebastião da Fedeira, o casamento do sr. dr. Avelino Cavaleiro de Ferreira, irmão do sr. prof. Cavaleiro de Ferreira, ministro da Justiça, com a sr.ª D. Maria da Graça Freire de Andrade. O acto foi celebrado pelo sr. Bispo de Hellenopole.



OS ANTIGOS COMBATENTES EM SILÊNCIO, ENQUANTO A CHAMA DA PÁTRIA É REANIMADA.



A VENDEDEIRA DE GELADOS



"HITLER, O VAGABUNDO"

por **Carvalho Duarte**

O ilustre director do jornal «República», sr. Carvalho Duarte, publicou, agora, numa cuidada edição da «Sera Nova», *Hitler, o vagabundo*, que é como uma sequência da sua obra *O Destino da Virgínia*, publicada em 1935, e em que apontou já os traços gerais da vida do sanguinário ditador nazista.

Agora, Carvalho Duarte foca com a sua prosa vigorosa, os episódios de maior interesse que de então para cá ocorreram na vida de Adolfo Hitler.

Livro pleno de interesse, em que os acontecimentos são apreciados sem paixão, num estilo claro e com impressionante sinceridade, esta obra do ilustre jornalista está, decerto, destinada a um êxito pleno e infatigavelmente merecido.



"O MISTÉRIO DOS MENDIGOS ROUBADOS"

por **José Natividade Gaspar**

O nosso antigo colega de Imprensa, José da Natividade Gaspar, publicou agora, na colecção «Os Melhores Romances Policiais», «O Mistério dos Mendigos Roubados».

Livro de mistério e emoção, escrito ao sabor dos gostos dos apaixonados pelas leituras policiais, não lhe falta, porém, um estilo sério e cuidadoso, a revelar as qualidades de jornalista e de escritor de José da Natividade Gaspar.



"O COMPLEXO CONCEPTUAL"

por **Cândido Costa Pinto**

Excerto duma conferência realizada em Junho de 1945, o livro «O complexo conceptual» — para a compreensão da vida humana — da autoria do sr. Cândido Costa Pinto, é uma pequena obra de indiscutível interesse.

Escrito em linguagem corrente, mas cuidada, o pequeno livro lê-se dum fôlego e é prova certa do valor do seu autor e das suas qualidades de estudioso e artista.



«FIM DE FESTA»

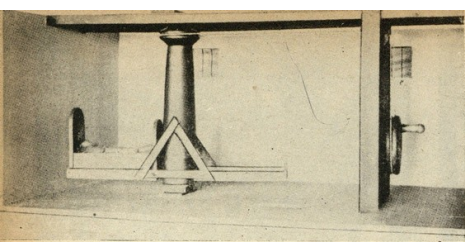
AS FESTAS DO 14 DE JULHO EM PARIS E O SEU PITORESCO

Aparte as manifestações patrióticas oficiais ou populares, as festas do 14 de Julho, em Paris, têm apontamentos de raro pitoresco, que vale a pena observar.

O povo dança, nas ruas, os vendedores ambulantes fazem farto negócio e há alegria em todos os rostos, porque duma festa se trata, e duma festa patriótica, das que tocam bem nos corações dos franceses.

Paris dança, ao som dos acordeões, para alta madrugada se vêem raparigas gentis e rapazes que foram seus pares, sentados nas cadeiras das esplanadas desertas.

O parisiense diverte-se, largamente, e pode bem dizer-se que o dia seguinte é de justo e necessário repouso.



O torniquete — *leito onde os doentes eram submetidos a uma rotação violenta até ficarem atordoados ou cheios de vertigens, para congestionar ou descongestionar o cérebro, conforme a cabeça ou os pés estavam mais ou menos afastados do eixo de rotação.*

— Onde?
 — Aqui, no estômago.
 — Que impressão é?
 — É um bocado de carne.
 — Mas que carne?
 — Foi o... que cortou um bocado de carne a um morto e ma deu a comer. Eu vi o que era, mas enverghei-me e comi-a. Agora está cá o Camões para a cortar em bocados e poder sair.
 — Qual Camões?
 — O Camões, o poeta e a minha avó.
 — Mas onde estão eles?
 — Estão dentro de mim. O espírito de Camões e a minha avó.
 — E o que estão eles a fazer?
 — A cortar a carne para sair.
 — Quem te disse isso? Como sabes?
 — Disse-me o meu pai.
 — Mas viste-o?
 — Disse-me só.
 — Há quanto tempo comeste a carne?
 — Desde que aqui estou. E cheira mal.
 — Como sabes isso?
 — Vem-me o cheiro à boca.

Durante toda a conversa, apresenta-se desconfortado, olhando repetidas vezes à sua volta e segurando na mão direita dois fósforos quebrados em cruz, molhados com saliva.

Mostra-os e acrescenta:
 — As duas tabuinhas de Moisés, para me livrarem dos meus inimigos.
 E, finda a conversa, lá seguiu, esquecido do desejo de partir, corredor fora, a assistir o seu drama e a inconsciência desse drama.

JULINHA, UMA DOENTE COM 14 ANOS

Julinha está no Manicómio há muito tempo, e só tem 14 anos.
 Veio pequenina, infantil, atardada. O

corpo desenvolveu-se, cresceu, mas o cérebro ficou atrofiado, continuou atrofiado. Numa expressão branda e tímida, emite sons desconexos, quase sobrehumanos, que são a sua linguagem.

Julinha não conhece a mãe nem o pai. Está só no mundo. Só com a sua desgraça enorme. Por isso a sua história é tão simples, tão singela, que cabe toda dentro duma palavra: sofrimento!

Surgiu-me agora vinda da enfermaria dos doentes agitados. No meio daquele mundo de dor, a sua aparição, a sua cara de criança atemorizada, de olhos tristes como as crianças que estão longe das mães, foi por momentos um bálsamo para a minha tristeza.

Veio correndo, correndo, e como se me conhecesse há muito, abraçou as minhas pernas com força, com toda a força que o seu corpo doente consentia.

Os seus olhos espantados e negros, da cor do luto, fixavam-me perplexos e falavam palavras de ternura que o cérebro não consentia fossem articuladas.

E foi o brilho anormal desses olhos, o sofrimento enorme que havia na sua expressão branda e tímida que me aproximou da Julinha, internada no Manicómio há muito tempo. Ficámos amigos. Deambulámos dois dias inteiros pelos corredores compridos, pelas enfermarias, sem destino. Ela a arrastar-se, na inconsciência do seu cérebro doente, pelos caminhos que há muito trilha, e eu a mergulhar fundo na dor que aquelas canininhas me revelavam.

Acordei nas duas noites dormidas no Manicómio, ao som suave das suas mizozinhas batendo uma ordem de levantar. E cumpri. E levantava-me. E de novo deambulava pelos corredores, sem destino.

Antes de partir, as minhas mãos acari-

ciaram o seu rosto limpo de criança atemorizada, triste. Acariciamos a sua pobre cabecinha de louca, enquanto os seus braços enlaçavam com força as minhas pernas, com toda a força que o seu corpo doente consentia. E ao sair do Manicómio, ofereci à Julinha, doente e internada há muito tempo, uma boneca. Não sei se isso lhe deu alegria. Não sei se se aquela oferta conseguiu despertar os seus sonhos de criança.

O rosto ficou parado, inexpressivo e igual. Segurou nas mãos finas a boneca quase do seu tamanho e, sem entusiasmo, emitiu uma espécie de agradecimento. Era, um som arrastado, inteligível, quase semelhante a um queixime humano.

E durante um segundo, apenas uns segundos, longos e tristes, dos meus olhos presos no rosto lindo, parado e sem vida da Julinha, caíram lágrimas de compaixão. E surpreendi-me a sajar com todas as humanas forças que a saúde renasce de novo no seu cérebro doente. Que nele despertasse a luz viva da razão para romper a névoa da trágica doença que a apagou do mundo.

A vida ainda nada lhe tinha dado. O sofrimento já foi grande. E é uma criança. Tem 14 anos!

COMO ERAM TRATADOS OS LOUCOS

A noite encheu tudo de sombras. Um silêncio fundo caiu no Manicómio.

Mas o dia não tem noite para quem vigia a doença de centenas de homens e mulheres que só podem encontrar na vida, a atenuar-lhes a tragédia que os vitima, a humana solidariedade de quem os trata.

Encostados à bondade dessa gente — médicos e enfermeiros especializados — o sono dos doentes corre sem perigo, nas enfermarias. Atentos, na mais obscuridade dos corredores, frequentemente iluminados, passam os seus vultos.

E no silêncio daqueles corredores, a voz dum médico eleva-se brandamente, a contar-me a história dos sofrimentos que os loucos suportavam. É uma curiosa viagem aos tempos em que se acreditava que os doentes se entregavam às ideias delirantes devido à má vontade ou em consequência de quaisquer influências malfáticas:

— Sujeitavam-nos a castigos, zurzindo-os ou enlaçando-os. Depois veio a repressão da igreja, que durou séculos. Os doentes mentais «possessos pelo demónio», necessitavam ser «purificados» e, para isso, o «método» era queimá-los vivos! Está ouvindo: queimá-los vivos!...

A voz eleva-se mais no fundo do corredor mal iluminado, onde as silhuetas dos enfermeiros, lentos, crescem, passam por nós e se diluem como fantasmas silenciosos.

— Hoje sentimos horror ao pensar quantos desses desgraçados sofreram nas fogueiras da «Inquirição» a purificação que os libertasse dessa posse demoníaca.

E, numa voz sussurrada, para não perturbar o sossego dos doentes, prosseguiu:

— Outras vezes, exorcismavam-nos para lhes expulsarem do corpo os «espíritos malignos» de que os julgavam possuídos. E, quando se chegou à conclusão de que se estava perante verdadeiros doentes, ficaram ao abandono, entregues ao seu próprio destino. Davam-lhe o alimento necessário para que não morresse de fome e procurava-se evitar que os seus actos se tornassem nocivos. Os mais turbulentos e perigosos eram encerrados em gaiolas gradeadas ou presos, por correntes, às paredes do Manicómio.

A voz extingue-se de súbito. Num andar

lento, galgamos sem palavras o corredor enorme. Acendemos os cigarros. Depois de longas fumaças e de se deter com cuidado junto das enfermarias donde vinham leves ruídos, o médico acrescentou:

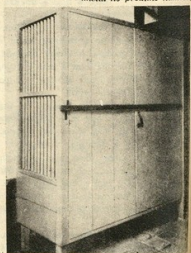
— Quando os internavam num destes Manicómios, as torturas que lhe infligiam não tinham conta. A terapêutica era primitiva. Constava de banhos frios em que mergulhavam o louco, bruscamente e por surpresas: duches, sangrias e purgas. Em torturas, eram submetidos a uma rotação violenta até ficarem atordoados ou cheios de vertigens, para congestionar ou descongestionar o cérebro, conforme a cabeça ou os pés estavam mais ou menos afastados do eixo de rotação. E se resistissem a todas estas torturas sem sermar, comecia-se então um crime: ao doente era vestida a «camisa de forças»!

E numa voz animada, confiante e cheia de esperanças, terminou:

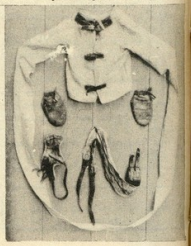
— Pouco a pouco criaram-se modernas casas de alienados. A psiquiatria tornou-se um ramo especializado da Medicina, e os sistemas de compressão bárbara desapareceram e, só em raros países, os loucos vão para a cadeia! As investigações científicas puseram à disposição dos psiquiatras uma soma de meios terapêuticos cada vez maior, cada vez mais eficaz e bem fundamentada. Antes de terminar as últimas palavras, o vulto dum enfermeiro destaca-se do eixo, segreda qualquer coisa ao ouvido do médico e, sem detença, os dois lá vão seguir, corredor fora, a caminho duma enfermaria a tratar um doente que não sossega.

Fiquei só no corredor enorme. E só então percebi que o dia não tem noite para quem vigia a doença de centenas de homens e mulheres que só podem encontrar na vida, a atenuar-lhes a tragédia que os vitima, a humana solidariedade de quem os trata.

(Conclui no próximo número)



A prisão do louco — estreito armário de madeira onde eram metidos os doentes furiosos. O público podia espí-lo pelos grades.



A «camisa de forças»

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

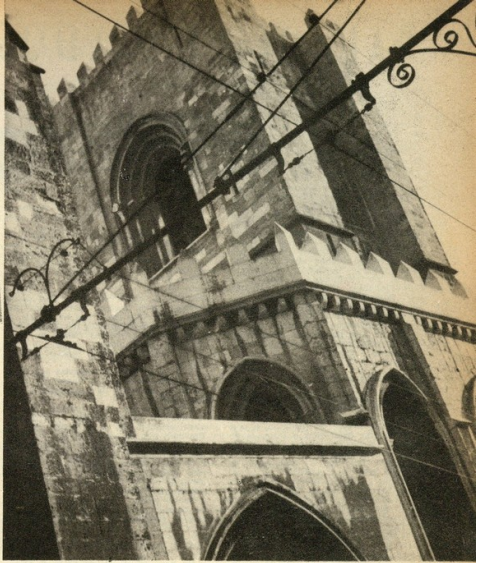
TAGO

FICOLL

EVITE as incomodas e aborrecimentos utilizando em sua casa as Torneiras TAGO



Brincam crianças, no Miradouro de Santa Luzia



A Sé de Lisboa

A SÉ

BAIRRO LISBOETA DE VIVAS TRADIÇÕES

O bairro de S.º, labirinto de vielas sem luz e becos atravancados, é uma mancha viva da tradição lisboeta. Trepando-lhe pelas lajeiras, ladando-lhe as calcadas a pino com as portas mouriscas da velha Alfama. Há ainda por ali dedeiras e vestígios que o tempo não apagou da memória, que, naquela periferia, encimada gloriamente pelas ameias do velho Castelo, fazia vida de senhorio, com lojas de venda e rezas a Allah. Hoje, com o rodar dos séculos, o Bairro de S.º está aburguesado, tem lá estabelecimentos de luz, ainda se encontra em actuação de luz, ainda se encontra a nota viva dum pitoresco que pertence, por direito, genuinamente, ao povo. As janelas, guardadas de sardineiras, têm, em vasos ou painéis venhos, aqueles maneirismos cheirosos e ciavos rubros. Em qualquer pátio bulhoso, alegre, cheio de rapazio, rompem, volta e meia, despiques por dá e dá aquela palha. A ofensiva linguareira desencadeia-se enérgica e corrosiva. Não é raro gritar-se ao da guarda! — que se não dá a mão a quem se dá a pua cabelas. A Rosa ou a Natália, a Xica do Bento ou a Rosária Varina, mostram grossos de sorriso a qualquer namorico, mordidas de ciúmeira. E depois vai ditto que amanhã não há de haver, batem palmadas na anca, dão murros no peito, juram por aquelas dós que a terra há de comer, que a severginhada, a delambida, há de receber duas solhas bem repuxadas n.ºs venhas.

Mas a boa harmonia, conforme veio com o azedume do despeito vai-se, também, com o primeiro domingo em que o rancho ruidoso, cheio de cabezes, demanda a praia, nestes meses de calor. Um lençol de paz estende-se, então, no pátio taragatelo. Esquecem-se os arrufoz antigos, confraternizam — a S.º pode estar tranquila porque a Rosária e a Xica do Bento de tanto se insultarem calram nos braços uma da outra e são, louvado seja o Senhor! — duas irmãs fraternalmente amigas que honram o bairro inteiro.

Quando o sol, num poente alaranjado, vai numa agonia de luz, perdendo o brilho, o bairro da S.º tem então outra cor. A velha catedral enegrecida, vinda do morder dos anos, com uma montanha abrupta de pedra onde os ápis cinzeiros de artistas puseram milicos recortes de inspirado misticismo, deixa espalhar, plangente, a sombra da sua grandeza.

Os rapazes, aos pulos, vindos em correrias de todos os becos e travessas, fazem, em volta dela, aquilo que não eram capazes de fazer por promessas: verdadeiros campeonatos de corridas, com gente pelas janelas. A meta é, quase sempre, na porta central — e, quanto à taca, a maior parte das vezes é o puxão de orlões ou os acotes da família que não ganha para o sapateiro. Mas acima, quando se sobe, está o Li-moeiro, com a velha árvore sombreada, e uma estacionista pobre que mais parece uma arreadoada de coizas velhas do que um chichre onde se guardam, propriamente, coizas vivas. Por aí não há, é bem de ver, nem despiques nem brincadeiras de rapazes, porque temem os ares daqueles soldados fardados, aludados, de carabina aperrada. Onde, porém, o bairro tem uma clareira é no velho miradouro de Santa Luzia. É uma varanda florida sobre a velha

Lisboa. O Rio Tejo, manso, ondulado, a correr num destino glorioso, parece uma estrada cheia de luz, atapetada de verde, com cintilações de prata.

Enchem-se os bancos de curiosos. Dall gosa-se um deslumbrante panorama e, fallamente, a Câmara ainda se não lembrou de abrir uma bilheteira — com taxímetro para os olhos.

A garotada, junto da família, diverte-se a seu modo, correndo, saltando, cantando. Alguns namoricos têm, também, Santa Luzia por testemunha.

Nestas noites de calor não apetece estar em casa — e é preferível uma soneca no banco do jardim do que naqueles quartos estreitos, bafientos, sem ar, que são iguais em quase todo o bairro.

Basta a gente olhar, da rua, por aquelas postigos pobres — casas baixas, de portas estreitas, cubículos como

galgias de pombos onde se comprimm famílias inteiras, que as rendas estão por um dinheirão e os pobres não chegam lá.

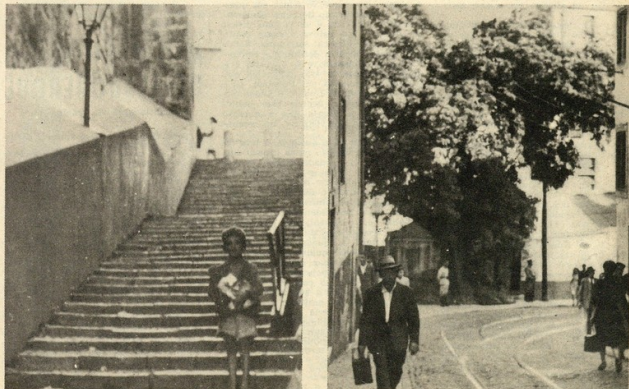
Há pátios e vielas que parecem inverosímels, verdadeiras colmeias, onde em meia dúzia de casas moram centenas de pessoas. A S.º, como aliás todos os bairros populosos, é uma pequena cidade de trabalho. E daí que seem, todas as manhãs, de lancheira, os operários que enxameiam as docas, que cravam, nos dorsos nus, no calor abrasador das caldeiras, os rebites, que acendem as bocarras das forjas onde o ferro ganha a tempera; e as mulheres, de manhãzinha, ainda mal o sol esprieta, vão também na lufa-lufa cotidiana, nuas as pernas rijas das andanças, peitos esbeltos da mocidade, de giga ou canastra a correr à Ribeira por uma teca de peixe que, depois, vendida, ajuda o seu homem.

Gente trabalhadora, tem à noite por distração uma «bicas» na tasca do Miradouro, com a garrafa a prestir. Ao to que do recolher, mais coisa menos coisa dá-las para casa — que o dia comei cedo.

O resto, o que pode existir para além disto, não interessa. É a vida burguesa que se identificou em todos os bairros — é tanto é igual na S.º, em S.º Vicente, na Madragoa ou Santa Isabel como nos outros mais chiques de S.º Sebastião, do Condesátel ou Lapa.

Nuns é ganga, a chinela, o despique, os sonhos, os anseios.

Noutros sal os caprichos, as casacas, o mundanismo — de quem se enfastia, facilmente, nem nunca sinceramente ter tido para o sol que nasce todas as manhãs — e que, em Santa Luzia, no miradouro da S.º, refugiu encantadoramente belo como criador de toda a beleza.



1) As escadinhos de S. João da Praça. 2) A velha árvore junto do Limoeiro...

UMA MULHER E 4 IMAGENS DE BELEZA



Na pausa de Elvós



Um espelho de aour



Pôr do sol



No Buçaco

FOTOS JOSÉ MARIA SALINAS

DESAPARECIDO

PAR VICTOR COLACO

RAZ af um retrato?

— Não senhor, não tenho nenhum.

O homem abanou a cabeça, reprovativo, parecia impossível que houvesse alguém que nem sequer possuísse um retrato do filho.

— Está bem — e pensou, pelo contrário, que estava tudo muito mal — Diga-me, então, quem é ele.

Ela era uma pobre mulher do povo e sem não sabia o que dizer.

— Vámos — auxiliou o agente — Que altura tem o rapaz?

— Fêz, ela, um cálculo, a olhar para dentro de si, para a recente e já saudosa recordação do filho:

— É mais alto do que eu... Sim, tem mais uns quatro dedos do que eu...

— Idade?

— Um metro e sessenta, anotou o homem.

— Izeitoz anos.

— E o que levava vestido?

— Óbe, meu senhor, o piorzinho que tinha. Eu não quero dizer que ele tivesse grande coisa, mas levou mesmo o pior.

E descreveu compungidamente a pobreza de roupas com as quais o rapaz se tinha ausentado, repetir todas as informações relativas a ele, anotando-as circunspectamente. Parecia-lhe absurda desde-lhe uma ideia sobre as diligências a encetar.

— Pode ir — disse-lhe ele — logo que saiba alguma coisa, aviadá-ei.

Saindo do Tórel, o coração dela ficou mais aliviado.

Como nas manhãs toldadas, quando o sol assoma, de repente, pela janela aberta entre duas nuvens e lança, no espaço, uma gofada de luz, assim ela se sentiu; entrou-lhe no coração, de súbito, um bafo quente de esperança e ficou mais desproprida. O seu filho havia de aparecer, havia de voltar. Agora mesmo, quando chegasse a casa, quem sabia se ela das relações entre ambos, da vida infeliz e hostil que ela levava com o filho, e estriteceu. Mas era ele, certamente, quem tinha a culpa. O seu rapaz — que dolorosa verdade! — era colega da rua, sem o mínimo de reconhecimento. Falava com ela como se falasse com um nenhum caso fazia, o, irritavam mais, desbocava-se em palavras ordinárias — coisas tão feitas que até ela perdia desbaratamente toda a paciência que o afecto confere. E gritava-lhe então,

— Não zorreres tu afogado, como tantos outros!

Depois arrendia-se. Que horror! Agora mesmo, esquecendo as culpas do filho, o que dimento, constante, inexorável, e mais doloroso ainda porque, de qualquer modo, o sentia tarde, afligia-lhe a alma sem descanso. Até no sono, os pesadelos tórbidos embelham o seu pensamento, como pesadas gotas de tinta negra, e toda a noite acordava, de espaço a espaço, com gritos na garganta.

— Mas Deus bem sabia que aquelas coisas eram só o produto insensato de um momento via bem como a sua maternidade se arripava, ainda quando as palavras insanas estavam jorrando da sua boca.

E a terrível obsessão incandescente-lhe o cérebro. Se ela pudesse não pensar — que bom! Era que bom, também, se pudesse dormir!

— E, então, entrava nas tabernas, como certos homens, e podia argumente. O álcool, na vergonha e na ogração.

Embragada, corriam-na, os garotos da rua, verberando-a com risos e com insultos — bêbedas! bêbedas! — e a sua dor ainda era mais viva, emergindo da embriaguez, porque a enegrecia a consciência do véxame.

E assim viveu seis dias...

— Ao seumo — eram dez horas da manhã — surgiu, à sua porta, um polícia da Segurança Pública.

— É aqui que mora a senhora Ermelinda?

— Sou eu.

O homem trazia um aviso de comparência. Devia ela apresentar-se, no Tórel, o mais depressa possível.

— Ele apareceu? Encontraram-no?

A sua ansiedade, opos, o polícia, a ignorância expressiva de um encolher de ombros. Ele não sabia de nada. Apenas lhe compelia a comunicação deste aviso, porque, quanto ao resto (ao resto, disse ele) só no Tórel se acertam informá-la.

As pernas dela tremliam, sem forças. Sentiu a cara arder e todo o corpo lhe doía, na depressa, mas, como aconteceu nos pesadelos, havia qualquer coisa inofensiva que lhe enredava a

— Vou já!

— Mas continuava inerte, como, que fascinada. No seu espírito, agora, não existia tampouco um sentimento de expectativa, mas, apenas, confusão e aturdimento.

Todos os pensamentos e esperanças, todas as ideias que a atormentaram, durante seis dias, entrococavam-se-lhe, na pobre cabeça demenciada, como bolas loucas num espaço vazio —

— Vou já! Vou já!

E, finalmente, pôde mover-se. Lançou, sobre as costas, um velho challe, pardacento os olhos, vermelhos e piados das inéduas, luziam lágrimas.

— Liberta, enfim, da paralisia emocional, andava, agora, rapidamente, e quase não podia respirar quando chegou ao selectricos.

— Meu querido filho!

O andamento vagaroso do carro e a obrigatória passividade dela, all sentada, sem nada poder fazer para acelerá-lo, para torná-lo veloz como a sua ansiedade, esta sujeição era para a sua maternidade dolorida, um suplicio atroz. E dava-lhe vontade de aptar-se e de correr, correr...

— É verdade que levaria mais tempo a chegar ao destino, mas fá-lo-la com o esforço e o movimento da sua carne insofrida, pois que a própria imobilidade, na aflição deste transe, não se lhe afigurava insuportável e paradoxal.

— Mas não desceu. O seu rés, entretanto, não paravam quietos, como se fosse a impaciência deles que movesse o carro.

— Meu filho meu querido filho!

— E quando, enfim, desfalecida e pálida, se viu perante o agente, nenhuma pergunta saltou dos seus lábios, mas era, toda ela, uma interrogação pungente.

— Sente-se aí — disse-lhe o homem, compadecido.

— E depois, com cuidado, foi-lhe dizendo o que havia.

— Note — frisou ele — que não sabemos se se trata do seu filho.

O caso era que tinha sido encontrado, numa prala dos arredores, o... (ele ta a dizer

(Continua na página 10)

Pé d'arroz TRADE-MARK



Marcele

UM PRODUTO ESPECIAL PARA PELES SENSÍVEIS

OS PRODUTOS DE BELEZA

Marcele

SÃO PRODUTOS HIPO-ALÉRGICOS

NOS MAIS LINDOS TONS: ROSE RAH-OHEL

PINK—BRU-NETE RAH-OHEL—PAL-MA BEACH—NATURAL PANAMA TAN OOHRE—PEACH BLOOM SUMMER

TAN AGENTE EXCLUSIVO PAOLO ODDO—R. Andrade, n.º 4, rés-do-chão, esquerdo

Sofonda a pele do seu filho...



com

PÓ DE TALCO

bébé

M^{me} Campos

"55" e

Batón da Moda

não tem rival

CRÔNICA
DEFERENCIAS

OS CASOS DOS DIÓSCOS

No dia 12 deste Julho terminava em Paris a Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros. Na véspera, Byrnes apresentara com carácter urgente a sua proposta de cooperação económica entre as zonas britânica e americana — à qual Bidault votou a sua para a nomeação de uma comissão especial adida ao Comité de Fiscalização para regular o aumento e a distribuição do carvão alemão. Bevin declarou que Londres estudaria a proposta americana e emendou-a francesa com aceitação de primeira para mais atentas observações e prometeu uma decisão mais rápida quanto à segunda.

Encravadas as rodas do tratado com a Austria e do regime da paz para a Alemanha, os ministros adiavam, não se sabe para qual data, o restabelecimento da sua Conferência, e despediram-se, para os outros, e dizendo, talvez com vénia: «Encontrar-nos-emos novamente na Conferência da Paz». Nada mais comovedor para significar que os distídios, como os folhetins, proseguiriam nos números seguintes.

A MAQUINA E O SISTEMA

É interessante fixar as regras de funcionamento propostas para esta Conferência a que chamam já de Paz e melhor seria denominar dos tratados, pois ao abrigo 23 Nações Unidas e unicamente trabalhará com esse objectivo.

Uma Comissão Geral constituída pelos chefes das delegações coordenará o trabalho da conferência. As decisões desta Comissão Geral serão tomadas por uma maioria de dois terços.

Cinco comissões políticas funcionarão, compostas pelos países que de facto

entraram na guerra com cada um dos cinco antigos países satélites, além da França que entrará nessas Comissões: para a Itália; para a Roménia; para a Bulgária; para a Hungria; para a Finlândia. A representação da França nas Comissões políticas foi devida a uma proposta do secretário de Estado americano, James Byrnes. Nas comissões a França terá o mesmo estatuto que na conferência dos ministros dos Estrangeiros; mas vexatória e revoltantemente não terá voto a não ser nos países com que esteve em guerra. Nas cinco Comissões políticas serão tomadas as decisões por uma maioria de dois terços. No caso de qualquer decisão ser realizada, a maioria terá o direito de apresentar a sua maneira de ver à sessão plenária. No caso de não se conseguir a maioria de dois terços, as duas maneiras — ou mais de duas — divergentes serão propostas à sessão plenária para se tomar uma decisão.

Como se vê, a Conferência só excepcionalmente produzirá resoluções em plenário e trabalhará em sessões separadas e os convites e as regras de funcionamento foram apresentados ao mesmo tempo, e os russos pretendiam. As duas potências anilo-axónicas, por seu lado, conseguiram que essas regras de funcionamento fossem apenas propostas e não impostas à Conferência.

Praticamente, a nova conferência poderia funcionar só com a Comissão de Coordenação dividida nos sectores das cinco comissões. O resultado seria o mesmo. O que todos os Três Grandes desejaram foi alcançado: eximir as suas

combinações e pontos de vista ao momento geral dos Julizes e votos dos plenários, e forçar a assembleia geral da ONU, em 23 de Setembro, a ser meramente aquele carvão de que fala Molotov.

Estávamos já muito distantes da concepção aventada por Smuts, e muito mais longe das características eminentemente democráticas da Sociedade das Nações. Um consultador escreveu há pouco com acuidade que por este andar a Organização das Nações Unidas se reduziria a uma reunião de tróia como já no fim da Conferência de S. Francisco a apelidaram, e que se reduziria a uma Carta, votada na última Conferência, ficaria tão afastada da nossa vista pelos ventos dos interesses de uma ditadura de três ou de quatro, como está a indolosa Carta do Atlântico, cujo vulto já mal se distingue no horizonte, para Ingrata delusão dos povos de todo o mundo!

A SERIE DE COMPROMISSOS

Através de incidentes e acidentes que com frequência colocaram os dois países inimicáveis de óptimo momento perante a eminência das ruturas entre eles, a Conferência de Paris, em sua última fase, ofereceu como saída: 1.º — a atribuição do arquipélago de Dodecanés à Grécia, e 2.º — como fórmula de compromisso ao suceder da dupla rivalidade russa-inglesa, a atribuição de falotes e das bases navais no Mar Egeu; 2.º — renúncia da Itália ao Italo e direito de soberania às suas antigas colónias; renúncia que aguardará durante um ano uma decisão final, não pela assembleia geral da ONU, mas pela ONU. Potências, só tendo voz a primeira no caso das segundas não chegaram a acordo, outra fórmula de compromisso — tão pouco para evitar o que a realidade russa nos Mediterrâneo reconhecidas em Yalta e Teerão, e a Justíssima fórmula francesa de manter as colónias no mandato Internacional da Itália que realizou no norte da África uma obra de civilização tão benéfica como exemplar, e permitiu que o inglês (que já expulsou os italianos da Cirenaica para a Tripolitânia) mandando vir selvagens tribos árabes para gerirem essa obra brilhante (através de civilização europeia) fosse apoderado de um mandato de facto e não de direito na Cirene, a fim de cobrir o Egito, e anexar a Somália italiana.

3.º — a internacionalização da região do Trieste como sistema de segurança, outras, outra fórmula de compromisso garantida pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, e não pelas primeiras provas acaba de dar de seu lado, incluindo um vespeiro de que elas interessadas. Os Três Grandes, menos da segurança que ostenta em seu seio, 4.º — a resolução de recuar, de a pressa — no ouvir a ameaça de Smuts de em nome da Comissão das Nações Britânicas, convocar a assembleia da ONU para impedir a eclosão de uma guerra que seria a mera best-ficção das conjuras do alto capitalismo das várias entidades internacionais — ao ler os tratados já atrás enunciados.



No madrugada do dia 30 de Junho, o príncipe regente do Bêgica dirigiu-se a Quaregnon onde procedeu ao lançamento da primeira pedra do Estádio de Desporto, que vai ser construído naquela cidade. Os ministros Spaak e Van Acker assistiram à cerimónia. Na foto vemos o príncipe, em sentido, durante um minuto de silêncio, depois de ter depositado uma coroa de flores no monumento aos mortos da guerra.



Uma imagem impressionante de «Sciusciù», filme interpretado por autênticos engraxadores ambulantes dos bairros pobres de Roma.

UM FILME-INTERPRETADO POR AUTÊNTICOS ENGRAXADORES AMBULANTES DAS RUAS DE ROMA

LEMOS há dias nos jornais que uma grande firma americana havia adquirido em Itália, para exibir nos Estados Unidos, três filmes italianos, um dos quais,

«Sciusciù», era considerado uma autêntica obra-prima. Cabe aqui dizer que o cinema italiano, que o fascismo protegeu e desenvolveu até atingir uma categoria invejável, começa agora a ser conhecido daqueles países que até aqui o ignoravam, como a América do Norte. Pois desde que a Itália se associara ao «Eixo» e mesmo antes da guerra — por força das medidas impostas aos filmes estrangeiros — cessara todo o intercâmbio cinematográfico entre a Itália e os Estados Unidos, a Inglaterra e a França.

Dos filmes escolhidos, pelo menos «Sciusciù», foi já produzido depois da guerra. O realizador, Vittorio de Sica, há muito porém que trabalhava nos estúdios de Roma e dirigira, entre outras comédias ligeras, a versão original de «Madalena, zero em Comportamento».

«Sciusciù» — nome por que são conhecidos os pequenos engraxadores romanos, agentes do «mercado negro» e que assediam os soldados aliados oferecendo-lhes mil e umas coisas, desde a rapariga para companheira de algumas horas, até ao bilhete postal ilustrado com vistas de Roma — «Sciusciù», dizíamos, é um quadro realista da infância italiana abandonada, e constitui um vibrante libelo contra a sociedade, que não cura de a educar e proteger.

Vittorio de Sica foi buscar os seus artistas ao próprio meio. Arrancou-os dos bairros excêntricos de Roma e realizou assim uma obra que tem a verdade e o interesse dum autêntico documento humano.

«Prefiro mil vezes trabalhar com estes rapazes inexperientes do que com as vedetas que se julgam mais do que aquilo que são».

Vittorio de Sica já em 1942 realizara um filme sério e de grande classe, «As crianças olham para nós», e que tratava do problema dos filhos de casais que vivem separados. Agora, seguindo os temas de ambiente social, o cineasta vai realizar uma obra sobre a prostituição das menores, em Nápoles.

O cinema deve ter a coragem de pôr em equação estes problemas. Porque contribuirá, sem dúvida, para que melhor se possam compreender em toda a sua extensão — e deste modo não só facilitar, como fomentar, as soluções.



No dia da estreia do filme, os engraxadores receberam fotos de circunstância para assistir ao espectáculo — e fotografaram-se ao lado de Isy Miranda.

ERICO Braga, actor do Teatro e do Cinema português, dos mais prestígio e queridos do público português, encontra-se em Paris, há algumas semanas, em viagem de férias. Mas o homem põe — e os cineastas dispõem... E Erico Braga que não ia com tencões de trabalhar nos estúdios, acaba de ser contratado pela firma produtora «Gladitor», para tomar parte no novo filme de Tino Rossi, «La Chanteur Inconnu», não só como intérprete, mas também como super-visor da parte que se desenrola na praia da Nazaré, uma das mais típicas do nosso País e com mais tradições na cinematografia nacional, pois ali se fizeram nada menos do que dois filmes: «Nazaré, Praia de Pescadores» e «Maria do Mar».

Erico Braga tem a seu cargo fazer os diálogos em português, ensinar aos intérpretes algumas palavras no nosso idioma, dirigir toda a parte folclórica, etc. Ao lado de Tino Rossi, veremos Lill Vetti — uma mulher formosíssima, que é a última descoberta do cinema francês, Maria Mauban, Busières, Lucien Nat, Erico Braga, etc.

Se quisermos completar a ficha técnica desta película, cuja primeira volta de manivela foi dada a 29 do mês transacto, acrescentaremos ainda: Produção de Gray Films. Estúdios: Ciné-Pathé (Joinville). Argumento de Henri Berger. Realizador: Cayatte.

Devemos dizer que Tino Rossi continua a ser o grande ídolo de Paris, e só se contrata a peso de ouro. A sua estrela não empalideceu, e muito pelo contrário, mantém galhardamente o prestígio de antes da guerra. É o cantor da voz de ouro, romântico e apaixonado, o favorito das mulheres, que vêem nele o homem da voz maravilhosa, cujas canções falam ao coração!



ERICO BRAGA
INTERPRETE E CONSELHEIRO TÉCNICO DO NOVO FILME
TINO ROSSI
COM A VOZ DE OURO TAMBÉM EM PORTUGAL

Tino Rossi, o cantor da voz de ouro, nas suas canções à viola.



HISTÓRIA DA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

ESTE último resultado foi plenamente atingido, e não há dúvida que o secretário dos Negócios Estrangeiros deixou nestes meios e nestes círculos a melhor impressão. Os seus contactos com algumas das personalidades marcantes do Congresso e da Administração criaram uma atmosfera de cordialidade que se reflectiu no futuro em condições francamente benéficas.

Restava considerar o último e certamente o mais importante objectivo da sua viagem: por um termo a campanha anti-britânica conduzido por uma parte da imprensa e dos elementos isolacionistas nos Estados Unidos, campanha que, como já tivemos ocasião de referir, entrara numa fase aguda. A esse respeito os resultados colhidos não foram, porém, de molde a encorajar os dirigentes nem a opinião pública na Grã-Bretanha. Tanto os jornais anti-britânicos como os elementos que continuavam a acreditar nas virtudes do isolacionismo, embora não tivessem a coragem de se precontar abertamente a viagem do Secretário de Estado constituiu um pretexto largamente aproveitado para defender a doutrina de que o povo americano não entrara na guerra para defender ou acuar-tar os interesses ingleses.

CAPÍTULO XXXII

O PRIMEIRO INVERNO NA RÚSSIA

A campanha anti-britânica, longe de diminuir, conheceu um período de franco recrudescimento. E foi porque nos dirigentes dos dois países um sentimento de decepção e um motivo de desgosto, ambos compreensíveis.

Depois de termos descrito a marca dos acontecimentos militares e políticos no ocidente da Europa e o êxito das operações conduzidas pelas demorações anglo-soviéticas contra os países do Eixo, é a altura de voltarmos a occupar-nos da frente oriental e da sua evolução, pois era, essa, certamente, durante a fase da guerra, de que nos estamos occupando, a mais importante frente continental e aquela de que, em última análise, dependia a solução do conflito. No capítulo XXIII, a que precisamos re-

portar-nos e que agora vamos continuar, descreveremos como a grande ofensiva alemã contra Moscovo se malogrou nos primeiros dias de Dezembro de 1941 perante um inesperado e violentíssimo contra-ataque soviético que rapidamente tomou as proporções e a amplitude de uma contra-offensiva vigorosa que veio a prolongar-se durante todo o inverno daquele ano, a primeira campanha de Inverno na Rússia.

Esse acontecimento, de transcendentes consequências, assimalou uma viragem no conflito que se iniciou em Setembro de 1939 e que, pouco a pouco, se alargara ao nosso continente ao resto do mundo. A reacção soviética, tornando impossível para os alemães a liquidação da frente oriental, continha em si o princípio da guerra em duas frentes que devia efectivizar-se, decorridos dois anos e meio, e que seria fatal para o Reich hitleriano.

Era a essa fatalidade que Hitler e os seus conselheiros militares tinham prometido poupar os alemães. E fóra heia que finalmente se havia caído por culpa certamente dos generais e dos polítics alemães mas, sobretudo, por culpa do Führer que acabara por assumir a direcção discrecional dos desastres alemães em obediência ao princípio de uma subordinação total das vontades ao seu génio e ao seu instinto. Até essas alturas considerados infalíveis. Os acontecimentos não tardaram a mostrar que a infalibilidade hitleriana não passava de um mito, e que este teria de ser pago pela morte alemã com uma derrota sem precedentes na sua história, depois de uma guerra de seis longos e duros anos na qual se consumiriam as suas melhores energias.

O DIA 7 DE DEZEMBRO DE 1941

O dia 7 de Dezembro de 1941 ficára assinalado como uma data memorável na história do nosso tempo. O dia do acontecimento, extremamente relacionados, mas cuja relação só mais tarde foi conhecida para o mundo inteiro, por um lado, o comunicado do Grande Quartel General do Führer anunciava que a partir de então as operações militares na frente oriental estavam suspensas em consequência do mau tempo; uma notícia, não menos sensacional, dava conta do ataque nipónico à base naval norte-americana de Pearl Harbour.

Os jornais do dia seguinte deram, naturalmente, um relevio especial à segunda notícia, deixando a primeira relegada para a monotonia dos comunicados de origem oficial, e que o público começava a descobrir um número cada vez maior de motivos de desconfinança. No fundo, a importância das duas notícias, das mais importantes que era possível conceber, aparecia idêntica. Uma significava que o Reich, na Europa, se encontrava colocado perante a fatalidade das duas frentes e que, apesar de tenaz dessa fatalidade, acabaria por succumbir. A segunda revelava a intervenção na guerra dos Estados- Unidos, a maior potência industrial do mundo, que assim entrava na luta contra o bloco totalitário.

Mas não haviam sido, precisamente, esses dois perigos que o Führer e os restantes chefes nazis tinham prometido que não voltariam a repetir-se, depois da experiência dramática de 1918? Não foram, precisamente, a existência de duas frentes, na Europa, e a intervenção dos Estados- Unidos, com todos os seus imensos recursos, que tinham feito perder a primeira confagração mundial à Alemanha Imperial de Guilherme II? O povo alemão seria naturalmente levado a perguntar como é possível que voltavam a repetir-se os mesmos erros e como é que os homens que tinham assumido o encargo de dirigir os seus destinos puderam reincidir neles. As respostas a estas perguntas não podiam ser satisfatórias, e essa circunstância, como veremos, que justificava a coincidência dos dois acontecimentos simultaneamente registados no dia 7 de Dezembro de 1941.

UMA REUNIÃO EM CHANGAI

Para dissimular, aos olhos do povo alemão, a gravidade da situação na frente leste, a que resultava indubitavelmente do facto de a Wehrmacht não ter podido tomar Moscovo antes da aproximação do inverno, os dirigentes nazis foram obrigados a fazer uma sorte de prestidigitação que acabou por lhes ser fatal. Essa sorte de prestidigitação consistia em fazer acreditar ao povo alemão que a sua sorte e o futuro da guerra iam melhorar instantaneamente pela entrada na luta de um novo e poderoso aliado. Esta carta era, porém, ilusória, e as realidades que ela encobria te-



von Brauchitsch

merosas. Mas os dirigentes nazis não estavam em condições de escolher, e as suas necessidades mais urgentes precisavam ser satisfeitas d'entre as atenções do seu próprio povo e do resto do mundo do desastre que, qualquer que fossem as aparências, representaria a invasão da Rússia pelo comêço do Verão.

Para alcançar esse objectivo, realizouse, em Xangai, quatro dias antes de ser oficialmente anunciado que as operações militares na frente leste estavam suspensas em consequência do mau tempo, uma reunião à qual assistiram, além dos chefes militares japoneses partidários da intervenção do seu país na luta e decididos a fazer uma política hostil aos Estados Unidos, vários alemães categorizados entre os quais um representante pessoal do Führer, o seu antigo comandante na frente ocidental durante a primeira confagração, o capitão Fritz Wiedmann, uma das figuras misteriosas do Terceiro Reich, cuja verdadeira acção política foi completamente esclarecida.

Nessa reunião foi, finalmente, decidido que o Japão entraria na guerra. Em Berlim e em Tóquio enganavam-se, porém, uns aos outros, mas de momento a euforia das vitórias, mais publicitárias que reais, não permitia ver a situação em toda a sua dramática significação. Só mais tarde esta acabou por se impor aos dirigentes e os povos dos dois países se convenceriam de que tinha sido infantil a sua tática.

A CRISE NO ALTO COMANDO ALEMÃO

Entretanto, um outro acontecimento de grande relevo ocorrera na Alemanha, o que se destinava também a produzir as mais graves repercussões. No dia 15 de Novembro, quando se tornou evidente que a Wehrmacht não estava em condições de dominar, antes da aproximação do inverno, as dificuldades que se opunham à sua entrada em Moscovo, o marechal Brauchitsch, comandante supremo do exército alemão, pediu a demissão do seu cargo numa carta dirigida ao Führer, em que era posta em relevo a gravidade da situação e se anunciava o malogro da campanha de leste.

A existência desta carta só mais tarde foi revelada. Mas, entretanto, soube-se que Brauchitsch abandonara as suas funções e que estas tinham sido assumidas pessoalmente pelo Führer. Voltaremos, mais tarde, a occupar-nos deste facto da maior significação para o prosseguimento da guerra, mas queremos acentuar, desde já, que ele revelava até que ponto os alemães tinham falhado na realização dos seus verdadeiros objectivos quando se lançaram na aventura da Rússia.

(Continua)

PODERÁ DESCANSAR SEM NECESSIDADE SE HOUVER A PREVIDÊNCIA DE ASSEGURAR-SE NA

DEPOIS DE MUITOS ANOS DE TRABALHO ESTA MÃO JÁ NÃO PODE SUSTENTAR A SI E À FAMÍLIA, MAS...

ULTRAMARINA
RUADA PRATA, 108 - LISBOA

ROSICLER
Meias
L. O. J. ASSUNÇÃO 7115180
RODA ASSUNÇÃO



Poucos homens se dividem nesta praia. Foi aqui que os últimos quadros dos S.S. foram exterminados...

ISTO É BERLIM!

Os jornais de todo o mundo publicaram fotografias impressionantes das ruínas de Berlim.

E tornou-se clássica a fotografia, mostrando os berlinenses, vargados ao peso da derrota, ocupados nos trabalhos da reconstrução da cidade.

Perante estas fotos da praia de Wanusee, essa imagem modifica-se um pouco... Todos os domingos esta praia se enche de loiros esbarchens, que parecem desmentir a razão dos mil colerios...

O elemento masculino é que não abunda. A maior parte dos banhistas é composta por jovens desmobilizados da mocidade hitleriana, ou por velhos que preferem os prazeres de Wanusee às tarefas da reconstrução da capital...



Só esta cena da praia lembra a guerra, porque o banhista que aqui se vê perdeu o antebraço na defesa de Berlim.



Estas botas pisaram a Europa e soaram tristemente num campo de prisioneiros, mas o seu possuidor não se quis desfazer delas.

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO — EDITOR: PEDROSA MARTINS
 PROPRIEDADE DE: "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2.5844

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA
 TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA